

Paranoá, nome de cidade, barragem e lago, era um índio. Esperança foi uma escrava. A UnB era Chapada do Corisco.

Arte: Marcus Eurício

LENDAS E CONTOS DE BRASÍLIA

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

No princípio, não havia o concreto. O cerrado era lugar de lendas, de histórias que hoje são a pré-história de Brasília. Essas histórias de porta de fazenda e beira de córrego vêm sendo reunidas pelo professor Olímpio Pereira Neto há quase 40 anos, primeiro em Goiás, depois em Brasília. “As lendas nos fazem ter amor pelo local onde a gente mora”, ensina. Ele já registrou histórias sobre o Lago Paranoá, Águas Emendadas, Campo da Esperança, Saia Velha e Papuda.

Não se trata de história, mas de mitologia onde o herói tanto pode ser um tatu-canastra, uma saia velha, um João-de-Barro ou uma escrava de perna quebrada. O também escritor Olímpio Pereira Neto conversou com antigos moradores da região, confrontou pesquisas e escreveu um livro, *Verdes Campinas*, sobre muito do que sabe.

Ele sabe, por exemplo, que o Parque Nacional de Águas Emendadas foi descoberto no final do século XVII, pelo mineiro Francisco Rabelo. Francisco teria ficado intrigado com as casas dos tatu-canastras, buracos pontegudos cavados lado a lado.

Num período de muita chuva, um casal de tatu-canastra furou tão profundamente o chão que

atingiu o lençol freático. Borbulharam então as águas das bacias do Paraná, Amazonas e São Francisco, cada uma para um lado. Essa lenda está registrada no livro *Realidades Pioneiras*.

BRIGA DE ÍNDIOS

Antes de ser um lago, uma cidade, uma barragem, Paranoá era um índio, filho de Iaracuí. “Quando por aqui ainda não tinha gente civilizada, uma tribo dos Araés brigou com outra, dos Tocantinins”, conta Olímpio. A índia Iaracuí sobrevive ao conflito e foge com o filho para o Ribeirão do Torto. Mãe e filho sobrevivem de frutos silvestres, até que Iaracuí morre e Paranoá passa a vagar pela serra, às margens do rio.

Quando o branco chega, encontra Paranoá sempre por ali, entre a serra, o rio e a cachoeira. Passa então a identificar aqueles locais como sendo “do Paranoá”. Acontece o que é comum na linguagem falada, explica Pereira Neto: “O nome passa para o objeto”.

Até hoje, o pesquisador não conseguiu encontrar a etimologia da palavra Paranoá. “Ninguém sabe de onde vem a palavra”.

A cachoeira de Saia Velha, próxima ao Gama, tirou esse nome de uma peça do vestuário feminino. Pereira Neto foi encontrar em estudos do pesquisador Dilermano Meireles a lenda, segundo a qual um caçador construiu um jirau entre dois galhos de árvore, à beira de um córrego, para espreitar a caça.

Certo dia, depois de uma chuva que transbordou o ribeirão, apareceu uma saia num galho baixo de árvore. O caçador pegou a saia e colocou no jirau.

A área era conhecida pelos veados, catitis e pacas, que atraíam os caçadores. Toda vez que alguém queria caçar, avisava: “Vou para o jirau da saia velha”.

Até que em meados do século XVII a região passou a ser oficialmente Fazenda Pimentel, mas desde então é a Saia Velha.

